

Runa

Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos

Colóquio Interdisciplinar Friedrich Hölderlin

No 150.º Aniversário da Morte do Poeta
Lisboa, 2 e 3 de Dezembro de 1993

22

2 / 1994

Rainer Maria Rilke e Lou Andreas-Salomé, *Correspondência Amorosa*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 1994. Tradução de Manuel Alberto (Cartas); Maria Alberta Menéres (Prefácio); Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria (O Nosso Mês)

Rainer Maria Rilke, *Querida Lou*, Colares, Colares Editora, 1994. Tradução de António Gonçalves

São de facto surpreendentes os rumos que pode tomar a recepção de R. M. Rilke — também entre nós. Em 1975, data do centenário do nascimento do poeta, por todo o mundo as celebrações entoaram o coro do declínio de uma lenda, o fim de uma era rilkiana. Mesmo a nota nostálgica dificilmente se distinguia por entre o conjunto das vozes. Rilke? Sim, era inexplicável como gerações e gerações se tinham deixado encantar por uma poesia tão cheia de efeitos... Em Portugal, a Revolução de Abril também poderia levar a crer ter passado definitivamente a hora de uma voz lírica tão aristocrática, tão avessa a envolver-se com o momento que passa. Porém, o facto de um poeta e

intelectual como David Mourão-Ferreira incluir num livro de 1975, provocatoriamente intitulado *Sobre Viventes*, um artigo sobre Rilke, haveria de funcionar como sinal.

Depois de uma recente série de novas traduções ou de reedições de traduções que poderíamos considerar os clássicos rilkianos entre nós, como *Os cadernos de Malte Laurids Brigge*, *Poemas. As elegias de Duíno e Sonetos a Orfeu*, *As cartas a um jovem poeta* ou *A balada do amor e da morte do alferes Cristóvão Rilke* — esta última tanto na versão de Paulo Quintela como na de Cecília Meireles — a surpresa é agora o aparecimento quase simultâneo de dois pequenos volumes de correspondência entre Rilke e Lou Andreas-Salomé. Independentemente das características de cada uma destas edições, impõe-se desde logo a pergunta: o que é que no momento actual explica esta repentina atenção à correspondência do poeta, tanto mais que, exceptuando o caso dos volumes *Cartas a um jovem poeta* e *Cartas a uma jovem*, o interesse por essa parte tão significativa da obra rilkiana nunca foi entre nós além da publicação de textos isolados e de uma ou outra carta ou documento, inseridos em colectâneas ou perdidos nas

páginas de revistas e suplementos literários? Ainda que houvesse alguns direitos editoriais a caducar, facto sobre que não tenho conhecimento, será que isso por si justificava esta dupla edição simultânea? Quero crer que o facto tem a ver com uma tendência mais lata que anda no ar e encontra manifestações paralelas por exemplo na exploração televisiva das relações entre Kafka e Milena (série na TV 2; cf. *Cartaz Expresso* de 9 de Abril de 1994, p. 23) ou na alta cotação que os géneros literários da biografia ou do diário encontram de momento nas bolsas literárias europeias. Numa época em que os narradores parecem ter cada vez mais dificuldade em encontrar matérias empolgantes, dá a impressão de que os percursos biográficos, os factos realmente vividos por escritores e artistas adquirem um fascínio muito especial. As editoras, movidas por critérios de mercado, também desempenham o seu papel na capitalização do interesse público por essas figuras de intelectuais do passado recente, que preenchem o nosso imaginário. A correspondência entre Rilke e Lou, verdadeiro exercício da paixão, parece estar em condições de satisfazer estas várias necessidades.

No mesmo sentido parecem

apontar os títulos escolhidos e a concepção exterior dos volumes. No primeiro, cuja capa, em tons de sépia, reproduz um retrato da jovem Lou, a ênfase gráfica do título vai para o vocábulo “amorosa”. A tendência para acentuar a dimensão humana e privada ressalta ainda mais no volume da Colares Editora. A mancha cromática azul clara e a imagem da folha de papel e do tinteiro vincam um sentimentalismo só superado pelo título, aliás algo abusivamente formulado: *Querida Lou*. De facto, sem qualquer informação na capa ou folha de rosto a indicar tratar-se de uma correspondência, o leitor é induzido a crer ter Rilke escrito um livro assim intitulado. A *Relógio d’Água* faz ainda sair *Correspondência amorosa* numa colecção com o título sugestivo de “Interiores”, enquanto a Colares Editora integra *Querida Lou* na série “Colares Literatura”.

Partilhando embora alguma tendência *voyeurista*, os volumes apresentam no entanto desígnios diferentes. Ambos representam uma forte selecção da volumosa correspondência entre Rilke e Lou, cujo texto, fixado por Ernst Pfeiffer, está integralmente disponível em francês, em tradução de Philippe Jaccottet, numa edição da

Gallimard (21985). Só que, fazendo jus ao título, *Correspondência amorosa* incide apenas sobre cartas trocadas na fase da paixão / ligação erótica, cobrindo unicamente o período que vai de 15-V-1897 a 26-II-1901. A obra centra-se essencialmente em cartas, bilhetes e poemas-dedicatória de Rilke a Lou, mas também inclui fragmentos do seu *Diário Florentino*, do *Diário de Schmargendorf* ou do *Diário de Worpswede*. Além disso, de acordo com a concepção que lhe subjaz – a de dar testemunho de uma relação amorosa – por vezes também se transcreve um ou outro texto de Lou, retirado por ex. de *Rainer Maria Rilke* (Leipzig, 1928) ou de *Lebensrückblick. Querida Lou*, por seu turno, assenta numa selecção de 17 cartas, escolhidas entre a selecção de 23 que integra o volume *Correspondance* (R. M. Rilke, *Œuvres. – 3*), das Éditions du Seuil. São exclusivamente assinadas por Rilke e estendem-se de 8-VIII-1903 a 13-XII-1926. Elas ilustram grandes interrogações e momentos cruciais da evolução de Rilke, incluindo cartas famosas como aquela em que ele medita sobre o significado de Rodin e a importância do seu exemplo ou aquela outra em que se expande sobre o

te para a questão da identidade Rilke-Malte, peças com posições sobre Kassner e Kierkegaard, Freud, a infância e a sexualidade, outras em que dá conta da sua vida emocional, como o fracasso da relação com Benvenuta, ou assinala marcos do seu percurso de artista, como a viragem poética por volta de 1914 (carta contendo o poema “Wendung”), a instalação em Muzot, as suas traduções de Valéry, dados para interpretação do ciclo de Duíno, ou as exultantes cartas em que anuncia os *Sonetos a Orfeu* e as *Elegias*, bem como uma última ainda, aquela em que, poucos dias antes da morte, se despede da grande companheira.

Ambos os volumes são providos de textos acompanhantes. A Relógio d'Água socorre-se de um ensaio de H. F. Peters (p. 7-76), constante já de uma biografia de Lou publicada em 1969 pela Moraes Editores em tradução de Maria Alberta Menéres. Traça-se aí uma biografia interior de Lou, que inclui as várias etapas da relação com Rilke. Quer este ensaio quer o núcleo epistolar vêm providos de notas, rematando o volume com uma homenagem de Lou ao poeta, “O nosso mês”, tomada de *Um olhar para trás*, publicado pela mesma editora em 1987. A “Nota intro-

dutória” de *Querida Lou* (p. 5-9), não assinada, explora a nota sensacionalista, como sejam, por ex., as indicações de que Rilke era nativo de Sagitário ou de que foi criado pela mãe como menina. Enunciam-se factos biográficos conhecidos e aflora-se muito ligeiramente a ideia de parentesco com F. Pessoa. Este volume também inclui notas às cartas, respigadas na edição que lhe está na base, o volume *Correspondance*, das Éditions du Seuil. As notas de ambas as edições portuguesas não parecem ter sido concebidas a pensar especificamente no leitor português e nas suas naturais interrogações, mas antes escolhidas algo aleatoriamente entre o material disponível em francês. Quando se acrescenta alguma informação, nem sempre ela é rigorosa e/ou completa: fala-se das “histórias do *Bom Deus*” [sic] e acrescenta-se “edição portuguesa na Inova”, quando, na realidade, essa edição das *Histórias do Bom Deus* nem é a única existente.

Por detrás do acervo epistolar de *Correspondência amorosa* parece estar antes a edição da Gallimard, tendo o texto francês de Jaccottet, comum aos volumes da Gallimard e das Éditions du Seuil, servido de base de trabalho, eu diria ex-

clusiva, a ambos os tradutores. Mesmo no caso de poemas já incluídos em *Poemas I e II* (versão de P. Quintela), os tradutores seguiram a linha de orientação francesa. Por ignorância, comodidade, razões que se prendem com direitos autorais ou quaisquer outras, o diálogo com o legado de outros tradutores portugueses é (praticamente) inexistente, o que perturba especialmente na tradução de títulos. A falta de conhecimento do alemão, de familiaridade com a obra rilkeana e com o ambiente cultural do espaço de língua alemã reflecte-se num e outro volumes, de modo porém mais grave em *Querida Lou*. Muitas vezes não há sequer o cuidado de procurar os títulos originais de obras alemãs ou reproduzir correctamente nomes de autores, falando-se, por ex., de: “Nouveaux Poèmes”, “Cornette” “dicionário de Crimm”, “Poupées”, “Narcisse” (respectivamente, p. 33, 45, 24, 50, 56) ou nos “Christusvision” (*Correspondência amorosa*, p. 125). Sendo traduções em segunda mão, pela via do francês, os textos reflectem já o “aplanamento” (entendido como adaptações sintácticas, estruturais e vocabulares), que é comumente praticado por tradutores franceses em versões a partir de

uma língua germânica. Gerando-se um fluxo “pacífico” de leitura, não se pode assumir como garantida a ausência de erros ou imprecisões (e tomo já só como referência a base francesa), como por ex.: “Nostalgie chante” (Gallimard, p. 9), “Nostalgia canto” (*Correspondência amorosa*, p. 81); “Il [Rodin] s’est endurci, fermé à l’inessentiel (...)” (Éditions du Seuil, p. 29); “Endureceu-se, fechou-se ao essencial (...)” (*Querida Lou*, p. 13). Não estamos livres, numa e outra, ainda de erros de formulação e ortografia (exs: “Essa foi a estranha hora crepuscular com a qual, ontem, não pude impedir-me de voltar a pensar.”, (*Correspondência* (...), p. 79), ou “enfirmitade”, “inexgotável”, “porque razão”, “relegioso” (*Querida Lou*), respectivamente p. 36, 37, 39, 77).

Às vezes o volume da Relógio d’Água acusa a tradução por vários autores, que parece terem trabalhado independentemente uns dos outros. Por exemplo o título *Lebensrückblick* aparece traduzido ora como “Memórias”, ora como “Um olhar retrospectivo” ora como “Um olhar para trás” e os mesmos passos são frequentemente traduzidos de formas diferentes no prefácio, nas cartas e no texto final de Lou. Aliás, a obra res-

sente-se de certa falta de unidade intrínseca de concepção.

Saúda-se o interesse por Rilke e por estes documentos humanos e culturais de relevo, mas lamenta-se sinceramente aquilo que aparece como desperdício de oportunidades. Em empreendimentos deste tipo pareceria no mínimo sensato o concurso de germanistas e/ou tradutores experimentados do alemão, evitando-se erros e desleixos que não aproveitam nem a quem é responsável por eles, nem a quem lhes sofre os resultados, sobretudo o grande público, que é o visado nestas duas edições.

Maria António Hörster

Heiner Schmidt, *Quellenlexikon zur deutschen Literaturgeschichte: Personal- und Einzelwerkbibliographien der internationalen Sekundärliteratur 1945-1990 zur deutschen Literatur von den Anfängen bis zur Gegenwart*, Duisburg, Verlag für Pädagogische Dokumentation, 1994, Band I, A-BAU

No Verão de 1994 foi publicado o 1º volume da 3ª edição, revista e substancialmente aumentada, do dicionário bibliográfico para a história da litera-